

As expressões territoriais da mobilidade do trabalho no período da pandemia da COVID-19: os fluxos da força de trabalho para a cidade de Poções-BA

Lauro do Carmo Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: lauropereira599@gmail.com

Miriam Cléa Coelho Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: miriam.coelho@uesb.edu.br

325

Palavras-chave: Território. Mobilidade. Força de trabalho. Estado. Pandemia COVID 19

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar as expressões territoriais da mobilidade da força de trabalho evidenciada na cidade de Poções, na Bahia, durante o período da pandemia da covid-19, especificamente, na vigência das barreiras sanitárias¹ entre março a dezembro de 2020.

Poções é um município situado no centro-sul baiano, com uma população total de 48.293 habitantes (IBGE, 2022). Obteve destaque nos canais de comunicação regional e nacional, pelo volume de trabalhadoras e trabalhadores que chegaram na cidade, em condições de precarização e vulnerabilidade social durante a pandemia. Em entrevista concedida ao “Jornal Nacional” (TV Globo), pela Secretária Municipal de Saúde, durante o período, foi relatado que cerca de cinco mil pessoas foram cadastradas nas barreiras sanitárias, correspondendo a 10% da população total do município em 2022.

No real concreto, as tensões e os conflitos entre a população local e aqueles que chegavam, para além de exprimirem o pânico e o medo pela contaminação, deixavam entrever questões estruturais do processo de produção desigual e combinado do espaço, da divisão territorial do trabalho, da mobilidade da força de trabalho, das contradições entre Estado, capital e trabalho, entre outras.

No Brasil, a pandemia da covid-19 entendida como um produto social, foi permeada por debates que reforçaram antagonismos presentes na esfera político-

¹ Política estratégica da saúde para a contenção do vírus.

partidária. O pensamento denominado negacionista, isto é, o descrédito ao conhecimento produzido com bases e métodos científicos foi expresso amplamente, tendo como fundamento o senso comum e ou a alienação produzida, propositalmente, por políticos e personalidades de direita e extrema-direita, resultando na ampla divulgação de informações falsas. Esse cenário contribuiu para a construção do sentimento de medo e de incerteza próprios da crise sanitária. Por um lado, a pandemia era vista como simples e mero espalhamento de doença em nível global, fruto da causalidade natural, da fúria divina ou ainda, compreendida como “mal externo” que se espalha e chega aos lugares, o que oculta a essência das determinações essenciais, históricas e estruturais da sociabilidade que difunde o vírus e não cria as condições necessárias para proteção da saúde humana.

Por outro, compreendida como produto histórico da relação sociedade e natureza sob a lógica da reprodução ampliada do capital em escala mundial, a pandemia da covid-19 desnuda uma série de contradições inerentes à produção capitalista do espaço, exacerbando relações de conflito e tensões, permeadas pelas desigualdades de raça e de classe social e expressas na territorialização dos contágios e das mortes.

Nesse trabalho, filia-se à concepção de que a pandemia, é um produto social, pois “[...] não existe um desastre verdadeiramente natural. Os vírus sofrem mutações o tempo todo para terem certeza. Mas as circunstâncias em que uma mutação se torna ameaçadora e fatal dependem das ações humanas” (Harvey, 2020, p.9).

Por essas razões, nessa pesquisa, inserida no âmbito do programa de pós-graduação em Geografia, buscou-se compreender os motivos pelos quais a mobilidade da força de trabalho tornou-se uma alternativa de sobrevivência, mesmo em um contexto de crise de saúde pública, para fugir do contágio, da fome e da morte.

METODOLOGIA

Esse esforço acadêmico científico traz para o centro do debate, conceitos e categorias fundamentais para a compreensão do objeto em análise, como a mobilidade da força de trabalho, território, Estado, entre outros. Nesse passo, para a definição das estratégias metodológicas, utilizou-se das contribuições de Kosík (1976), as quais considera a “[...] realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (p. 35). Ademais, pautou-se nas formulações de Meszáros (2015);

Oliveira (1999); Gaudemar (1977); Smith (1988); Harvey (2016) para abarcar as contradições internas e indissociáveis do capital.

Nessa perspectiva, optou-se por uma metodologia que captasse o movimento dialético contraditório, uma vez que “[...] o princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo” (Kosík, 1976, p. 40-41).

Para tanto, buscou-se investigar as razões que determinaram a natureza, o volume, a direção do fluxo da força de trabalho, bem como os desdobramentos territoriais, por meio (inicialmente) do levantamento e sistematização dos dados obtidos junto à Secretaria Municipal de Saúde do município de Poções. Esses dados foram coletados no período supracitado nas cinco barreiras sanitárias implantadas em pontos considerados estratégicos, tendo como conteúdo o fluxo total da entrada de pessoas na cidade. É importante mencionar que em Poções, essa medida foi expressiva, uma vez que essas entradas se tornaram as únicas: ônibus escolares, caçambas e entulhos foram posicionados nas entradas “paralelas” da cidade, fazendo com que todo o fluxo relativo a automóveis, fosse realizado através das barreiras, principalmente nos primeiros meses.

Como recorte de análise, foi delimitado os dados pertinentes àqueles sujeitos que eram predeterminados pelo poder estatal local como oriundos das chamadas “áreas de risco”, isto é, grandes centros urbanos onde a transmissão comunitária da doença estava em curso. Esses dados são relativos ao nome, idade, origem, contato e endereço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise preliminar dos dados obtidos por meio da Secretaria Municipal de Saúde do Município de Poções, em pesquisa de campo realizada em 28 de julho de 2021, possibilitou conhecer o comportamento do volume da mobilidade da força de trabalho, que foi registrada entre março e dezembro de 2020. Verificou-se, que desde a decretação da pandemia e de medidas de contenção da circulação do vírus, a exemplo do *lockdown* (isolamento social) em março de 2020, o número total de deslocamentos registrados, oriundos das chamadas “áreas de risco”, nas barreiras sanitárias da cidade de Poções foi de 2.149. Os deslocamentos alcançaram um pico no mês de maio e estabilizaram em um patamar elevado entre os meses de julho a setembro para, em seguida, apresentarem uma forte queda nos meses seguintes.

Ainda com base nos dados da Secretaria Municipal de Saúde (Pereira, 2022), foi possível levantar a quantidade de deslocamentos registrados e as cidades de origem: Altamira-PA (2), Atibaia-SP (1), Belo Horizonte-MG (6), Brasília-DF (2), Campinas-SP (7), Curitiba-PR (4), Feira de Santana-BA (1), Goiânia-PE (2), Ilhéus-BA (3), Itajaí-SC (4), Linhares-ES (1), Monte Azul-MG (1), Recife-PE (2), Rio de Janeiro-RJ (11), Salvador-BA (46) e São Paulo-SP (2.055).

É possível verificar que mesmo tendo uma distância euclidiana correspondente a 1.509,7 km, o maior fluxo registrado tem como origem, o maior centro urbano e econômico do Brasil, a cidade de São Paulo. Em seguida, a segunda cidade de origem que mais registrou deslocamentos para Poções foi Salvador, capital do estado da Bahia. Seguido por Rio de Janeiro e Recife, ambas capitais nacionais.

A compreensão da condição histórica dos trabalhadores no processo de produção de mercadorias e sua própria condição de força de trabalho (também mercadoria) que é móvel à medida das necessidades capitalistas (Gaudemar, 1977), desnuda a forma mais avançada da divisão territorial do trabalho, expressa no contexto pelos deslocamentos. Expõe a condição de precariedade, precarização e vulnerabilidade dos trabalhadores, mesmo em condições de crise sanitária de risco à saúde e a vida humana.

Outra informação dos sujeitos que realizaram esses deslocamentos e que merece destaque são as faixas etárias. De acordo com os dados analisados, em um universo de 2.147 pessoas, 1.407 informaram suas idades, enquanto 741 não disponibilizaram essa informação durante o cadastro nas fichas analisadas. Dos números registrados, de forma mais significativa, a faixa correspondente aos sujeitos de 30 a 39 anos totalizou 23,45% (330 pessoas), em seguida a faixa de 20 a 29 corresponde a 20,61% (290) e a terceira mais expressiva foi a de 40 a 49 anos, 16,35% (230). Das demais faixas, registrou-se a entrada de 139 pessoas entre a faixa de 0 a 9 anos, 178 na faixa de 10 a 19 anos, 89 pessoas entre 60 e 93 anos. Por meio dessas informações, é verificado que os principais grupos que chegaram em Poções pertenciam a chamada População Economicamente Ativa (PEA), ou seja, em idade produtiva, apta a vender a força de trabalho.

CONCLUSÕES

Os dados corroboram a relação da mobilidade da força de trabalho em momento pandêmico com a divisão territorial do trabalho no Brasil, que concentrou o capital e o trabalho em pontos estratégicos do território, deixando regiões inteiras na condição de reserva de força de trabalho a ser mobilizada a depender dos interesses capitalistas.

Não por acaso a origem dos fluxos coincidem, exatamente, com as áreas de atração da força de trabalho para onde rumaram milhares de trabalhadores do nordeste na segunda metade do século XX. A pressão e as condições de vida dos trabalhadores precarizados nos grandes centros, agravadas pelo desemprego estrutural, pelos baixos salários, pela crise da moradia, entre outros, se somam ao medo do risco oferecido pela covid-19 e justificam a mobilidade dessa força de trabalho para seus possíveis locais de origem.

A natureza, a direção e o fluxo da força de trabalho para Poções e seus desdobramentos territoriais requerem um aprofundamento de questões que, acredita-se, estar na raiz desse processo: a divisão territorial do trabalho e o desenvolvimento desigual e combinado do espaço.

REFERÊNCIAS

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. IBGE, 2022.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação capitalista**. Lisboa: Editora Estampa, 1977.

HARVEY, David. **Anticapitalismo em tempos de pandemia: marxismo e ação coletiva**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KOSÍK, K. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Tradução: Célia Neves e Alderico Toríbio.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, A. F.A.; DAMIANI, A. L.; OLIVEIRA, A. U. et all. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

PEREIRA, Lauro do Carmo. **A pandemia como evento sociohistórico: barreiras sanitárias da covid-19 e mobilidade espacial da população em Poções, Bahia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

SMITH, N. **O desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.